

Os diálogos possíveis de Tchernychévski com Drujínin, Dostoiévski e Avdéiev em O Que Fazer?

Camilo Domingues¹

De acordo com o filólogo russo Boris F. Egórov (1986), o romantismo literário de George Sand teve enorme repercussão na Rússia nos anos 1840, principalmente por tratar de temas sociais e da questão da liberação da mulher. O seu romance *Jacques* (1834), em especial, foi uma obra onipresente entre os intelectuais, literatos e literatas russas nas décadas de 1840 e 1850. A história do triângulo amoroso entre Jacques e Fernande, que resultou no suicídio do marido preterido, foi atualizada e representada em diversas novas histórias e romances no período.

Derek Offord (1985) ratifica que esse foi um período no qual a obra de Sand gozou de imensa popularidade na Rússia. E não apenas entre o público leitor. Segundo Emily Klenin, *Jacques* era “evocado, de uma maneira ou de outra, por diversas obras russas durante os anos 1840, 1850 e início dos anos 1860” (KLENIN, 1991, p. 371).² A autora complementa: “a sociedade russa estava instruindo-se com *Jacques* nos anos 1840” (KLENIN, 1991, p. 375). Tratava-se de um fenômeno denominado, então, de “george-sandismo”, o qual se relacionava com a disseminação de ideias liberais ou até mesmo radicais na Rússia.

De acordo com Dawn Eidelman (1994), o romance *Jacques* contribuiu para o intenso debate no seio da *intelligentsia* russa à época sobre o caráter opressivo do casamento, sobre a emancipação feminina, além de sobre questões políticas gerais. Segundo Eidelman, o romance da escritora francesa havia servido de inspiração para escritores russos como Aleksándr Drujínin, Ivan Turguêniev, Nikolai Tchernychévski, Ivan Gontcharóv, Fiódor Dostoiévski e Aleksándr Herzen.

Irma P. Viduéskaia (1990) destaca que a questão da mulher começou a fazer-se presente na literatura russa precisamente nos anos 1840. Viduéskaia acredita que o movimento de liberação feminina na literatura havia-se iniciado com a obra de Aleksándr Drujínin, *Polínka Saks* (1847). Segundo a crítica russa, apenas nos anos 1860, o movimento de liberação feminina viria a alcançar sucesso na literatura, principalmente através do romance *O Que Fazer?*, de Tchernychévski. Aleksándr P. Skaftýmov (1928), por sua vez, assinalou, ainda no início do século XX, que o romance de Tchernychévski também se relacionava com *Jacques*, de Sand, devido à sua abordagem da questão da mulher e do casamento.

1 Pós-doutorando em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense (PPGH-UFF). Orientador: Prof. Dr. Daniel Aarão Reis. Esta pesquisa conta com o fomento da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ). Contato: camilodomingues@hotmail.com.

2 A tradução de todas as citações em língua estrangeira neste trabalho é de responsabilidade do seu autor.

Vladímir K. Kantor (2016) ratificou que *Polínka Saks* e *O Que Fazer?* possuíam uma origem em comum: o romance *Jacques*. E acrescentou que Nikolai Tchernychévski, além do romance de Sand, buscou inspiração no próprio romance de Drujínin. Sobre a relação de *Jacques* com *Polínka Saks* e *O Que Fazer?*, Michel Niqueux sublinha a temática do suicídio do marido preterido. Segundo o francês, em *Jacques*, “o marido abandonado manifesta a sua magnanimidade suicidando-se (esquema que será retomado, mas com um falso suicídio, por Tchernychévski em *O Que Fazer?* e por Liev Tolstói em *O Cadáver Vivo* (1900)” (NIQUEUX, 2008, p. 335).

Klenin acrescenta que, além de *Polínka Saks* e *O Que Fazer?*, diversos outros romances estavam associados à repercussão de *Jacques* na literatura russa. Por exemplo, o romance *Quem É o Culpado* (1846-1847), de Aleksánder Herzen, *Felicidade Conjugal* (1859), de Liev Tolstói e *O Escolho*, de Mikhail Avdéiev (1860).³ Este último, segundo Eliéna A. Chmelióva, havia-se baseado, por sua vez, no romance de Drujínin, *Polínka Saks*. Os romances tinham motivos comuns, como “a liberdade no amor, um arranjo similar das personagens, enredo e, finalmente, os protagonistas representavam pessoas dignas” (CHMELIÓVA, 2020, p. 48).

O conjunto das principais referências no tema apontam para que o romance *Jacques* constituiu uma inspiração em comum para os romances russos *Polínka Saks*, *O Escolho* e *O Que Fazer?* Simultaneamente, *Polínka Saks* também constituiu uma referência para Tchernychévski ao escrever o seu romance, como assinalou Kantor. Klenin e Michael Katz (1989), por sua vez, assinalam a relação de *O Escolho* com *O Que Fazer?* Klenin destaca que, em ambos os romances, o segundo companheiro da protagonista tem uma relação de amizade com o primeiro marido. Também em comum, a protagonista, ao descobrir-se apaixonada pelo segundo amor, tenta aproximar-se do marido e reverter os seus sentimentos. Finalmente, os dois representam soluções não-trágicas para o triângulo amoroso: um divórcio misterioso, no primeiro caso, e um suicídio fictício, no segundo.

Em relação ao romance *O Sonho do Titio*, não se pode dizer que se baseasse em *Jacques*, apesar de Dostoiévski também ter sido grande admirador de Sand. Por outro lado, o romance também pode ser listado entre as referências de Tchernychévski presentes em *O Que Fazer?* Mark V. Teplínski (1978) foi quem primeiro identificou o parentesco entre as duas obras. Segundo Teplínski, Tchernychévski teria construído a personagem Maria Aleksêievena Rosálskaia, mãe de Vera Pávlovna, a partir da personagem Maria Aleksándrovna, mãe de Zinaída, em *O Sonho do Titio*. Ambas aparecem, a primeiro momento, como mães vis e

3 O título *O Escolho* é uma tradução livre do título em russo, *Podvódný Kámen*, visto que ainda não há tradução do respectivo romance para o idioma português brasileiro.

interesseiras, dispostas a negociarem as próprias filhas para arranjar um casamento com um rico marido. Andrew Drozd (2002) acrescenta que, além da relação das mães com as respectivas filhas, há outras similaridades entre os dois romances. Por exemplo, ambas as matriarcas tratam mal e agredem os seus maridos; ambas as filhas se apaixonam pelo tutor de seus irmãos menores e, a princípio, não cedem aos interesses das mães; ambos os romances discutem noções caras à *intelligentsia* radical à época, como o egoísmo, o cálculo utilitarista e o auto-sacrifício.

Dessa maneira, a partir das indicações dos críticos, estudiosos e pesquisadores acima, este artigo analisará os romances de Drujínin, Dostoiévski e Avdéiev em suas possíveis diálogos com o romance *O Que Fazer?*, de Tchernychévski.

Polínka Saks

O primeiro romance de Drujínin foi publicado na edição número 12 de *O Contemporâneo* de 1847. *Polínka Saks* teve um imenso sucesso literário e foi designado como um típico *roman-culte* pelo francês Michel Niqueux. O enredo narra a história de um triângulo amoroso entre um homem mais velho, Saks, e dois jovens, Polínka e o príncipe Galítski. Marido ilustrado e racional, Saks divorcia-se de Polínka para que esta possa casar-se com Galítski. O amor dos jovens, no entanto, tem apenas uma breve duração. Sentindo-se culpada por ter abandonado o marido, Polínka fragiliza-se e deixa-se consumir pela tuberculose.

De acordo com Egórov, “é absolutamente claro que Drujínin concebeu o enredo em um projeção direta do romance *Jacques*, de George Sand” (EGÓROV, 1986). Klenin e Eidelman também indicam que o romance pode ser interpretado como uma imitação ou adaptação da obra de Sand. Para estes autores e autoras, as semelhanças dizem respeito ao triângulo amoroso, ao afastamento do marido para a esposa viver o segundo amor, e à própria forma da obra – ambas eram romances epistolares.⁴

O romance *O Que Fazer?*, por sua vez, possui diversas semelhanças com *Polínka Saks*. Em primeiro lugar, *O Que Fazer?* também narra a história de um triângulo amoroso entre Vera Pávlovna, Dmitri Lopukhóv e Aleksándr Kirsánov. Lopukhóv era tutor do pequeno

4 Havia também diferenças entre os romances. Egórov e Klenin assinalam, por exemplo, que os personagens Jacques e Saks tinham origem sociais distintas. Jacques era um aristocrata francês, enquanto Saks era um funcionário civil de origem modesta (um *raznotchínets*). Além disso, Saks não se suicida, como faz Jacques. A saída do personagem de Drujínin é menos trágica e mais racional.

Fiédia, irmão de Vera, e aproximou-se da protagonista com o propósito de instruí-la filosófica e politicamente. Da mesma forma, a intenção de Saks era a de educar Polínka:

na verdade, eu não conheço deleite maior que o de zelar pelas ideias de uma criança a quem estimamos, de elevá-la ao nosso nível e ao nível do século, de transmitir-lhe de forma acessível tudo o que nos parece profundo e poético. (DRUJÍNIN, 1986)

Saks concebe, então, um projeto de educação do gosto estético de Polínka. Dispõe obras de arte e livros para a protagonista, inclusive os romances de George Sand. Lopukhóv, ao aproximar-se de Vera, também concebe um plano de formação para a heroína. Fornece-lhe livros de Victor Considerant e de Ludwig Feuerbach. Vera dedica-se com atenção às obras. Polínka, ao contrário, ignora ou chateia-se com elas:

Papai disse que os seus livros são todos tão perniciosos (...) Eu mesma tive vontade de ler e, pela manhã, ele trouxe-me os romances de George Sand. (...) Ah, *mon ange*, se ela for realmente uma mulher, o quão desmarcadamente sem-vergonha e enfastiante ela é. (DRUJÍNIN, 1986)

Saks atribui a responsabilidade pelo desinteresse e pela precária formação de Polínka aos seus pais e à sociedade, “a qual, por seus próprios preceitos, obriga a que se trate mulheres como se fossem criancinhas” (DRUJÍNIN 1986). Em *O Que Fazer?*, da mesma forma, Tchernychévski atribui a situação desigual e a precária formação das mulheres à própria sociedade. Lopukhóv diz que as mulheres deveriam ficar amigas de sua *noiva* – alegoria da emancipação social – para que a condição das mulheres fosse melhorada: “Se as mulheres fossem amigas dela, não haveria razão para eu ter pena delas (...) Caso a conhecessem, a situação das mulheres não seria pior que a dos homens” (TCHERNYCHÉVSKI, 2015, p. 97-98).

Drujínine Tchernychéski também abordam a questão filosófica do *egoísmo racional*. Lopukhóv e Kirsánov são adeptos do utilitarismo filosófico. Agem apenas em prol da vantagem pessoal e são contra qualquer sacrifício individual. As suas ações obedecem ao cálculo utilitarista em nome do bem comum. Saks também age de maneira semelhante. O seu amigo Zalechin chama-lhe a atenção:

Você é um inovador e reformador... você é um mestre em bradar o individualismo e o otimismo. (...) A felicidade, meu caro Saks, é algo extremamente difícil de concentrar-se apenas em si mesmo, apesar de toda nossa inclinação ao egoísmo. (DRUJÍNIN, 1986)

O *egoísmo racional* era o código ético da juventude *raznotchínets* radical, retratada por Tchernychéski em seu romance. A maioria das personagens em *O Que Fazer?* compartilha uma origem modesta e vislumbra com o trabalho ou através da educação transformar as condições sociais

para que todas as pessoas, homens e mulheres, tenham iguais oportunidades. Vera inaugura uma cooperativa de costureiras. Lopukhóv e Kirsánov são estudantes de medicina e dedicam-se à formação política da juventude *raznotchinets*. O escritor, as personagens e o público leitor compõem e identificam-se com esse grupo social. Há uma relação de aprovação com as escolhas das personagens e de otimista esperança com as perspectivas que poderiam abrir na sociedade russa.

No romance de Drujínin, Saks também encarna um tipo *raznotchinets*. O personagem não é nobre e não faz parte da aristocracia (como o príncipe Galítski e os ancestrais de Polínka). Ao contrário, Saks tem uma origem social humilde, mas ascendeu socialmente graças ao trabalho como funcionário civil, galgando postos importantes da burocracia do Império Russo. Diferentemente de Lopukhóv e Kirsánov, não tem ideais sociais radicais, mas encarna a racionalidade do homem ilustrado.

No entanto, em *Polínka Saks*, há uma crítica aberta aos novos burocratas *parvenus*. O príncipe Galítski não vê com bons olhos o surgimento de um grupo social que passou a ocupar cargos e atribuições antes reservadas à nobreza e à aristocracia:

Os nossos jovens de hoje irrompem de qualquer parte, bravejam em torno da sublime honestidade, alguns vão até mesmo às lágrimas (...) Mas os piores de todos são esses arrivistas, como o seu estimado Saks. De onde foi que eles surgiram? De quem nasceram? O que fizeram antes? Ninguém sabe. No entanto, eles sabem de tudo, acomodam-se em toda parte, silenciam, nada dizem sobre a honestidade sublime – e galgam, através dos outros, aos primeiros postos. Só Deus sabe quando esse povo vai se mandar. (DRUJÍNIN, 1986)

Por último, *Polínka Saks* também adianta a reação do marido diante da descoberta do novo amor da esposa, e a solução encontrada para o impasse. Graças a um artilheiro forjado pelo príncipe Galítski, Saks é obrigado a ficar algumas semanas longe da esposa. Enquanto está fora, é informado por Zapólski de que o príncipe visitava com frequência Polínka e de que estaria apaixonado por ela. Diferente do que se poderia esperar, não há excessos, nem violência. Saks apenas escreve à sua esposa: “Eu peço-lhe, seriamente, que o veja com menos frequência. Mas não galhofe dele, não o desdenhe e não o atormente. É certo que não há maldade em sua coqueteria, não há nada a temer” (DRUJÍNIN, 1986). A calma e tranquilidade de Saks em lidar com uma potencial traição da esposa tem paralelo ainda mais radical em *O Que Fazer?* Ao cogitar que Vera estava apaixonada por seu melhor amigo, Kirsánov, Tchernychéski vai além. Na seção intitulada “Uma conversa teórica”, Lopukhóv insiste para que o seu amigo visite mais a sua residência, e que se faça presente em mais atividades sociais com a sua esposa.

Ao retornar para casa depois da longa viagem de trabalho, Saks dá-se conta de que a esposa também estava apaixonada pelo príncipe Galítski. O protagonista orchestra, então, um esquema para que a esposa não fosse vista em sociedade enquanto providenciava – não se sabe como – os papéis do divórcio. O marido estava disposto a abrir mão da esposa para que

esta pudesse viver o seu novo amor. Quando tudo está pronto, ele diz a Polínka: “Você está completamente livre. Você não é mais casada. (...) Milhares de olhares repousarão sobre vocês na esperança de chacotearem com o escândalo. Casem-se sem alardes e vivam bastante tempo no exterior” (DRUJÍNIN, 1986).

Ora, o suicídio fictício de Lopukhóv é uma forma similar encontrada por Tchernychévski para despedir a esposa do casamento. O discurso do personagem Rakhmiétov na seção “Um homem extraordinário”, inclusive, produz o mesmo efeito para Vera que as palavras de Saks. Rakhmiétov surge para revelar-lhe a farsa do suicídio, para aliviar a sua culpa e para dizer-lhe que estava livre para casar-se com Kirsánov.

Drujínin havia inaugurado, na literatura russa, a possibilidade de retratar o adultério, ou o segundo envolvimento amoroso de um dos cônjuges, sem duelo e sem a morte de uma das partes. A naturalidade com que tratou do tema em *Polínka Saks* revelava o seu comprometimento com ideias progressistas para o período, principalmente o direito ao divórcio e a emancipação da mulher. Tchernychévski aprofunda a abordagem de Drujínin, acentuando o tom ético e político dos comportamentos de suas personagens. Em *O Que Fazer?*, a dedicação de Lopukhóv à formação intelectual de Vera Pávlovna; o tratamento de tópicos como o *egoísmo racional* e o utilitarismo filosófico; a discussão sobre o caráter e o papel social dos *raznotchíntsy*; e a abordagem de temas como o divórcio e o direito das mulheres são questões apresentadas de maneira mais extensa e radical por Tchernychévski. O ímpeto da transformação social estava presente em seu romance, enquanto Drujínin, mesmo que comungasse de ideias sociais semelhantes, detinha-se fiel às margens do que preconizava a “arte pela arte”.

O Escolho

O romance *O Escolho*, de Mikhail Avdéiev, também foi publicado em *O Contemporâneo*, na edição número 10 de 1860. O enredo conta a história de outro triângulo amoroso, desta vez formado por Sokóvlin, a sua esposa, Natália, e o jovem Komliév. Há também uma diferença de geração entre o marido preterido e os amantes. Sokóvlin divorcia-se de Natália, a qual parte em viagem com Komliév (os jovens não se casam). Natália, no entanto, desencanta-se com o segundo companheiro e retorna para o seu primeiro marido. O casal resolve esquecer as mágoas do passado e propõe-se a reconstruir o casamento.

Mikhail P. Pogódin (1861) classifica o romance como uma imitação. Aleksêi F. Píssemski (1861) também assim o considera. Não uma imitação do romance *Jacques*, mas,

sim, de *Polinka Saks*. Já para Chmelióva, era uma cópia de ambos. De modo geral, a crítica não recebeu bem o romance de Avdéiev. Por um lado, Pogódin criticava o tom artificial da trama. Duvidava que um homem real pudesse, como faz Sokóvlin, abrir caminho para a esposa e o amante. Segundo ele, Avdéiev havia privilegiado a ideia da liberdade da mulher, a moral do romance, em detrimento do seu verdadeiro valor literário.

De acordo com Píssemski, o romance não dispõe de persuasividade, de profundidade, nem de talento artístico. Segundo o crítico, tudo é narrado e nada acontece, de modo que o texto mais parecia um artigo que um romance. Arremata: é um panfleto.⁵ Curiosamente, enquanto Pogódin e Píssemski criticavam a obra de Avdéiev pelo excesso de conteúdo, em detrimento da forma, Tchernychéski a criticou pelo motivo contrário. Segundo este, Avdéiev não satisfazia “as exigências do nosso século, pronto a reconciliar-se com as limitações da forma, mas não com as limitações de conteúdo e com a ausência de ideias” (TCHERNYCHÉVSKI apud CHMELIÓVA, 2020, p. 45). As críticas de Tchernychéski, no entanto, não impediram que o romance *O Que Fazer?* tivesse alguma relação com *O Escolho*, como apontam Klenin e Katz.

Sokóvlin é um homem de quarenta anos no início da trama. Viveu a sua juventude, provavelmente, nos anos 1840. O personagem frequentou a universidade e teve uma sólida formação intelectual, própria da primeira geração da *intelligentsia* russa, os *pais*:

[Sokóvlin] apegou-se de cabeça e coração a um pequeno círculo de jovens honestos, bem-educados, que se simpatizavam com tudo que fosse luminoso, que acompanhavam a ciência e as questões contemporâneas, círculo o qual sempre se pode encontrar nas redondezas de um centro fecundo como a universidade. (AVDÉIEV, 1987)

Avdéiev informa que o personagem pertencia ao rol de pessoas cujas cabeças habitavam o coração. Era um idealista, que legitimava as suas ideias sem nunca as ter exercido na vida real. Um adepto de concepções teóricas gerais, um *hegeliano*, como poderia dizer Komliév a respeito de seu rival. Este, ao contrário, ainda era um jovem estudante universitário. Era um *niilista* como ainda viria ser o Bazárov de Turguêniev. Por isso, o idealismo filosófico de Sokóvlin não o impressionava:

[Komliév] não tinha disposição nem para Feuerbach e Fischer, nem para o Espírito Absoluto. As suas convicções, assim como as convicções de qualquer pessoa independente, não se sujeitavam a determinada escola ou autoridade. Ao contrário, o seu ponto de vista materialista e rigorosamente científico revolvía, como folhas de uma árvore, o ponto de vista semi-idealista e reconciliador de Sokóvlin. (AVDÉIEV, 1987)

5 O teor das críticas que Tchernychéski receberia no futuro por seu *O Que Fazer?* assemelhava-se àquelas recebidas por Avdéiev por seu *O Escolho*.

Os vértices masculinos do triângulo amoroso representavam não somente dois amores distintos, mas também duas gerações e concepções de mundo diferentes. Tratava-se das gerações de 1840 e 1860 da *intelligentsia* russa, cujo conflito seria retratado por Turguêniev em *Pais e Filhos* dois anos depois. Tchernychéski, em *O Que Fazer?*, não se dedica ao conflito de geração entre a juventude e os intelectuais do passado. O escritor representa apenas a jovem geração e tenta mostrá-los não apenas como simples negadores da filosofia, mas sobretudo como questionadores e, no limite, propositores de uma nova sociedade. Quando cuida da formação intelectual de Vera Pávlovna, por exemplo, Lopukhóv não nega os sistemas filosóficos gerais. O personagem seleciona o que apresenta à protagonista de acordo com as suas próprias concepções. Entre as obras que lhe oferece, está *A Essência do Cristianismo* (1841), de Feuerbach, pensador que é negado por Komliév.

Assim como em *Polinka Saks*, em *O Escolho*, o primeiro pretendente/marido da protagonista também se ocupa de sua formação intelectual. Há um interesse genuíno dos homens ilustrados em proporcionar às suas mulheres acesso a bens culturais e ao conhecimento. Sokóvlin predispõe-se, então, a enviar livros para Natália. A mãe da protagonista pergunta-lhe:

- Pois bem, Serguêi [Sokóvlin], diga-me, meu querido, sinceramente: então a Talinka [Natália] não é estúpida?
- Para dizer a verdade, ela não é muito desenvolvida, – respondeu Sokóvlin,
- mas ela tem uma extraordinária curiosidade e uma sede por descobrir a verdade e as respostas em tudo. Você me permite enviar-lhe alguns livros para que em seguida nós possamos, quando oportuno, conversar a respeito? (AVDÉIEV, 1987)

Trata-se da mesma iniciativa de Saks em relação à Polínka, a qual será repetida com Lopukhóv, em relação à Vera Pávlovna. Esta, inclusive, demonstrará tanto interesse pelas conversas com o jovem tutor e nas ideias presentes nos livros, que irá materializá-las na forma de uma cooperativa de costureiras. De maneira que Tchernychévski, através da protagonista, superava a discussão no campo das ideias, levando-os para a experiência prática.

Há três outros momentos que aproximam os romances de Avdéiev e o de Tchernychévski. O primeiro deles é a reação de Sokóvlin quando suspeita da relação amorosa entre a sua pretendente Natália e o jovem Komliév. Sokóvlin opta por afastar-se física e emocionalmente: passa a frequentar menos a propriedade da mãe de sua amada e adota um tom mais cortês no tratamento com ela. Sempre que possível, também a deixa a sós com Komliév.

Ora, em *O Que Fazer?*, Lopukhóv não apenas permite, mas convence Kirsánov a reaproximar-se de Vera após descobrir o sentimento entre os amantes. Em relação ao distanciamento da amada, Tchernychévski opera uma inversão de papéis. Em seu romance, quem se afasta, ao menos inicialmente, não é o primeiro marido, mas o amante. Kirsánov, ao dar-se conta dos seus sentimentos por Vera, afasta-se do casal. O personagem do amante inaugura uma postura ética, a qual podia ser identificada até então apenas na predisposição do marido preterido em respeitar as novas inclinações amorosas de sua esposa. Ao conferir um comportamento ético, ou seja, dignidade, ao terceiro vértice do triângulo amoroso, Tchernychévski retirava da trama os sentimentos de mágoa ou de culpa. Tal operação permitiu ao escritor propor uma solução inovadora para o impasse amoroso: a formação de dois casais que desfrutariam, em certa medida, de uma vida em comum.

O segundo momento diz respeito ao comportamento da esposa, Natália, quando se descobre apaixonada por Komliév. Ela tem uma conversa franca com o seu marido, que a pergunta:

- E você o ama há muito tempo? – Ele mal pôde pronunciar.
- Eu não sei (...)
- E... Muito? – Mais uma vez perguntou Sokóvlin (...)
- Poupe-me! (...)
- Ouça, você se lembra de nossa conversa antes do casamento? Você é livre. Mas é que... Aqui as condições sociais são absurdas, mas enquanto elas não forem refeitas, é duro ir contra elas, elas irão fustigar-te incessantemente. (AVDÉIEV, 1987)

Na primeira parte do diálogo, chama a atenção a tranquilidade do marido ao inquirir a esposa sobre a existência de um segundo amor. Comportamento que se repetirá com Lopukhóv. Na segunda parte, destaca-se a preocupação de Sokóvlin com as condições sociais “absurdas”, que poderiam constranger ou colocar em risco a reputação social de Natália, caso ela assumisse ou consumasse publicamente o seu novo sentimento. De maneira semelhante, Lopukhóv e Kirsánov, em sua “conversa teórica”, discutem sobre os constrangimentos sociais impostos à mulher em relação à sua vida amorosa. Finalmente, em relação ao comportamento de Natália, a protagonista, inicialmente, tenta reabilitar os seus sentimentos pelo marido. Reproxima-se do esposo e do filho. Vera Pávlovna, do mesmo modo, tentou desesperadamente – mas em vão – reafirmar o seu amor por Lopukhóv após o seu terceiro sonho, que lhe revela a sua nova paixão por Kirsánov.

O terceiro momento é a solução pacífica encontrada por Sokóvlin para possibilitar a realização do novo amor da sua esposa. Ele propõe-lhe o divórcio, o que não será feito pelo personagem tchernychevskiano. No entanto, após se divorciar e viver alguns meses com o

novo companheiro, Natália descobre que não o amava mais. Ela retorna para a propriedade da sua família no campo e, paulatinamente, restitui a sua condição de esposa de Sokóvlin. Este a recebe sem ressentimento: “Nós nos comportamos honestamente, e nada temos que repreender um ao outro. Levemos até o fim, sem recuar, tudo o que a vida nos deixou”. (AVDÉIEV, 1987).

A possibilidade de reconciliação de um casal desfeito é retomada por Tchernychévski, mas de maneira *sui generis*. Vera não volta a ser esposa de Lopukhóv no final do romance. Mas a reconciliação manifesta-se na convivência dos dois casais que se formam e na homenagem que a protagonista faz ao seu primeiro marido. O filho de Vera e Kirsánov, chama-se Dmitri, assim como Lopukhóv. Tanto para Avdéiev, quanto para Tchernychévski, a postura “honesta” e ética de todos os vértices do triângulo amoroso havia possibilitado, de uma forma ou de outra, uma reconciliação inovadora para a literatura no período.

O Sonho do Titio

O Sonho do Titio, de Fiódor Dostoiévski, foi publicado em 1859, na edição número 3 da revista *A Palavra Russa*. O enredo não trata de um triângulo amoroso, mas da relação que a protagonista, Zinaída, estabelece com os pretendentes que lhe surgem ao longo da trama. Zinaída havia-se apaixonado, inicialmente, pelo jovem tutor de seu irmão, Vássia. Este tem uma origem social mais modesta que a sua amada, e a relação entre os dois não é permitida. Maria Aleksandróvna, mãe da protagonista, urde o casamento da filha com o príncipe K, um idoso com a saúde bastante debilitada. A matriarca contava, através do enlace, que a filha herdasse a fortuna do príncipe e provesse a riqueza da família. Mozglyákov, suposto sobrinho do príncipe, e também pretendente à mão de Zinaída, descobre o plano de Maria Aleksandróvna, e impede a sua realização. Ele faz o príncipe K acreditar que a sua proposta de casamento a Zinaída (forjada pela matriarca) havia sido apenas um sonho, invalidando-a.

Teplínski sugeriu que a personagem Maria Aleksandróvna podia ter servido como inspiração para a Maria Aleksêievna de *O Que Fazer?* De maneira irônica, Dostoiévski introduz a personagem anunciando que gostaria de escrever-lhe um elogio, um encômio: “antecipo-me a confessar que sou um pouco parcial com Mária Aleksándrovna. Gostaria de escrever algo como um encômio [*pokhválnogo slová*] a essa magnífica senhora”. Coincidentemente ou não, o capítulo em que Tchernychévski apresenta a história de vida de Maria Aleksêievna intitula-se “Panegírico [encômio] a Maria Aleksêievna”, “*Pokhválnoe slovo Mare Aleksêievne*”. Nele, de fato, Tchernychévski apresentará as explicações históricas

e sociais para a matriarca ter-se tornado uma vilã. O escritor absolve a personagem ao final, e atribui a responsabilidade por seu caráter inadequado às condições sociais externas. Dostoiévski, no entanto, não realiza a mesma abordagem. A sua Maria Aleksándrovna é representada sempre de modo caricatural, no papel de uma mãe vil e interesseira que pretende negociar a própria filha.

A matriarca, em *O Sonho do Titio*, vê no casamento de Zinaída com o príncipe K a única possibilidade de ascensão social de sua família. Preocupava-lhe o fato de a filha já ter vinte e três anos e ainda estar solteira. Casar-se era algo urgente para Zinaída: “só uma mudança significativa em tua vida pode te salvar! E essa mudança deve ser o casamento. Nós não somos ricos e não podemos, por exemplo, ir para o exterior” (DOSTOIÉVSKI, 2012). Em *O Que Fazer?*, da mesma forma, a mãe de Vera Pávlovna busca casar a filha com o jovem Storiéchnikov, de origem nobre. Vislumbrava no casamento a conquista de alguma riqueza e de status social. Os interesses das matriarcas, no entanto, encontram resultados distintos em cada romance. Zinaída cede à insistência de sua mãe e participa do arдил para casar-se com o príncipe K. Vera, ao contrário, resiste aos conselhos de Maria Aleksêievena e do seu pai, Pável Konstantínitch.

Em paralelo, o jovem pretendente de Zinaída, Vássia, o seu *verdadeiro* amor, encontra-se gravemente enfermo durante todo o enredo. O personagem também encarnava o papel do tutor apaixonado pela heroína. Dostoiévski descreve Vássia através das palavras de Maria Aleksándrovna:

aquele professor do colégio distrital, ainda quase menino, causa em ti uma impressão totalmente incompreensível para mim. (...) E súbito me procuras e me anuncias com decisão que tencionas casar-te com ele! (...) É claro que achei necessário usar todo o meu poder, que tu chamas de tirania. Imagina: um menino, filho de um sacristão, que recebe doze rublos por mês de vencimentos, um escrevinhador de uns versinhos reles, que por compaixão publicam na *Biblioteca para Leitura*, que só sabe falar daquele maldito Shakespeare. (DOSTOIÉVSKI, 2012)

Tratava-se, certamente, de um *raznotchínets*. Vássia tinha uma origem e uma condição social bastante semelhante às de Lopukhóv e de Kirsánov, e do próprio Tchernychévski. Em *O Sonho do Titio*, o personagem definha durante toda a trama, até falecer ao final, sem realizar o seu amor por Zinaída. Em *O Que Fazer?*, Tchernychévski reabilita o personagem *raznotchínets* e confere-lhe maior altivez, dignidade e longevidade através dos seus protagonistas. Lopukhóv e Kirsánov são personagens atuantes, propositores e realizadores: estudam, trabalham, discutem filosofia e política, amam e, efetivamente, realizam os seus planos. O diálogo de Tchernychévski com os romances anteriores buscava oferecer uma

representação *positiva* dos *raznotchintsy*. O escritor visava a libertá-los da caracterização literária até então dominante, a de serem jovens inteligentes, eruditos e provocadores, mas de não realizarem nada na vida real.

Ao justificar as suas ações em prol do casamento da filha com o príncipe K, Maria Aleksándrovna refere-se a *cálculos de interesse* que havia feito. Contava que a morte do príncipe resultaria na riqueza de Zinaída, viúva e herdeira. Apesar de parecerem vis, a um primeiro momento, os seu cálculos visavam unicamente a garantir o bem estar da filha:

quem em meu lugar não faria cálculos num caso como esse? Nós calculamos as nossas vantagens até mesmo nos casos mais generosos e desinteressados, calculamos de forma imperceptível, involuntária! (...) confesso que, a despeito de toda a nobreza dos meus objetivos, fiz cálculos. Mas pergunte uma coisa: é para mim que faço cálculos? (...) Faço cálculos para ela, para o meu anjo, para a minha filha — e que mãe pode me censurar por isso? (DOSTOIÉVSKI, 2012)

Tchernychévski reproduz uma parte do arrazoado de Maria Aleksándrovna em seu panegírico a Maria Aleksêievena. Mas é a discussão sobre o *cálculo utilitarista* que aparece renovada em *O Que Fazer?* O escritor introduz discussões nas quais as personagens discorrem sobre o *egoísmo racional* e o *cálculo*, de acordo com a filosofia utilitarista. Tchernychévski diferencia o comportamento interesseiro, como o das matriarcas, do comportamento dos seus heróis e heroína, cuja *cálculo*, apesar de também basear-se inicialmente na busca de vantagem pessoal, visava ao final o bem estar geral.

[Vera:] – É verdade, então, o que dizem as pessoas práticas, frias: que o ser humano é governado apenas por cálculos de vantagens próprias?
[Lopukhóv:] – Elas dizem a verdade. O que chamam de elevação de espírito, aspirações ideais, tudo isso, no curso geral da vida, é totalmente desprezível em relação ao desejo de cada um obter vantagem para si e, na essência, são compostas, elas mesmas, por este próprio desejo de vantagem. (...)
– Suponhamos que esteja certo... Sim, está certo. Todos os atos que eu posso imaginar se explicam pela vantagem. Mas essa é uma teoria fria!
– A teoria, em si mesma, deve ser fria. O intelecto deve julgar as coisas friamente. (...)
– Então essa teoria, que eu não consigo refutar, condena as pessoas a uma vida fria, implacável, prosaica?
– Não, Vera Pávlovna. Essa teoria é fria, mas ensina ao ser humano encontrar o calor (...) Essa teoria é prosaica, mas revela os verdadeiros motivos da vida, e é na verdade da vida que está a poesia. (TCHERNYCHÉVSKI, 2015, p. 113-114)

O último ponto em comum que se pode destacar entre os dois romances também diz respeito ao comportamento das matriarcas. Drozd chama a atenção para que ambas exercem um domínio sobre os seus respectivos maridos. De fato, em *O Sonho do Titio*, é Maria Aleksándrovna quem gere os negócios da família. Ela havia até mesmo conseguido trabalho

para o seu marido. No entanto, este, revelando-se pouco diligente, é removido por ela para a casa de campo. Em *O Que Fazer?*, também é Maria Aleksêievena quem gere a família Rosálski. A matriarca havia contribuído para que o marido tivesse uma posição e, ela própria, angariava recursos através da agiotagem.

Além disso, quando contrariadas ou frustradas em seus desígnios, as matriarcas descontavam-no em seus respectivos maridos. Agrediam-no verbal e fisicamente, como fez Maria Aleksándrovna ao chegar na casa de campo a fim de levar o seu marido para a cidade, para que ele abençoasse o casamento da filha com o príncipe K:

— Deus, que desordem reina aqui! A que isso cheira? Estou te perguntando, monstro, a que cheira isso aqui? — gritava a esposa, investindo cada vez mais contra um Afanassi Matvêitch inocente e de todo aturdido. (...)

— Ma-ma-mãezinha!...

— Quantas vezes tentei meter na tua cabeça de asno que não sou tua mãezinha? Que mãe sou eu, pigmeu de uma figa! Como podes chamar assim uma senhora nobre, cujo lugar é na alta sociedade e não ao lado de um asno como tu! (DOSTOIÉVSKI, 2012)

Maria Aleksêievena também agrede o marido em seus momentos de fúria. Por exemplo, ela parte contra Pável Konstantínitch, esbofeteando-o, porque ele não havia defendido o casamento de Vera e Storiéchnikov junto à Anna Petróvna, mãe do pretendente. As vítimas das agressões da matriarca incluem ainda a própria Vera, o filho mais novo, Fiédia, e a criada Matriôna.

Desse modo, *O Sonho do Titio* poderia ter fornecido elementos para a criação da matriarca em *O Que Fazer?* O comportamento interesseiro e a agressividade, aliadas à simplicidade da personagem, garantiam certo efeito cômico ao romance, assim como na história de Dostoiévski. A partir dela Tchernychévski faz digressões sobre questões sociais e filosóficas que são apenas ironizadas por Dostoiévski na sua abordagem de Maria Aleksándrovna. Em *O Que Fazer?*, Maria Aleksêievena, após discorrer sobre as suas duras condições sociais de sobrevivência, revela que, graças ao seu comportamento interesseiro e à sua vileza, Vera Pávlovna podia aspirar à bondade e à igualdade. Trata-se de uma visão dialética do processo de construção de suas personagens que escapou à abordagem cômica e caricatural de *O Sonho do Titio*.

Diálogos possíveis entre *Polínka Saks*, *O Escolho*, *O Sonho do Titio* e *O Que Fazer?*

Inicialmente, uma origem em comum põe em relação *Polínka Saks*, *O Escolho* e *O Que Fazer?*: o romance *Jacques*, de George Sand. Nele inspiram-se para tratar o tema do triângulo

amoroso e da emancipação da mulher. Pode-se cogitar que haveria ainda uma fonte anterior, também comum aos três, qual fosse, o romance *Julie ou a Nova Héloïse* (1761), de Jean-Jacques Rousseau. Nele também há um triângulo amoroso e um jovem tutor apaixonado, além de uma abordagem – contraditória – sobre a questão feminina.

O diálogo literário entre os três primeiros romances russos, portanto, também se deve às referências em comum que compartilhavam com obras anteriores. No entanto, tal fato não elimina a possibilidade do diálogo entre si, visto que tratavam de romances que atualizavam questões históricas e literárias para a realidade russa, e que respondiam um ao outro. Também não se tratava de meras cópias, ou imitações da obra antecedente, como sugeriram Pogódin, Píssemiski, ou Klenin. Cada novo romance articulava elementos de representação ausentes ou distintos na obra anterior, de acordo com as concepções estéticas de seu escritor. Há entre elas tanto semelhanças, quanto diferenças.

As similaridades e dissonâncias referem-se a temas como o conflito de gerações da *intelligentsia* russa (*pais e filhos*); a representação crítica ou positiva dos *raznotchíntsy*; e as inovadoras e distintas soluções literárias para a questão do segundo amor – divórcio ou suicídio fictício. Em relação à questão da mulher, sinalizam para a igualdade de oportunidades entre homens e mulheres, através da representação do zelo com a formação intelectual das protagonistas; da crítica ao casamento arranjado pelas famílias à revelia da nubente; e da legitimação do direito ao divórcio para as mulheres. Finalmente, tratam também, cada um a seu modo, de questões filosóficas e políticas do seu tempo: criticam e debatem a validade da filosofia *idealista* alemã *versus* a nova filosofia feuerbachiana; abordam a postura e o alcance filosófico dos jovens niilistas; apresentam interpretações diversas sobre o utilitarismo filosófico e o *egoísmo racional*; e, por último, marginalmente, discutem as condições para o fim da servidão na Rússia czarista.

Dostoiévski, com *O Sonho do Titio*, acrescenta uma nota dissonante na trajetória de Tchernykhévski em direção a *O Que Fazer?* Sem dúvidas, é a obra que fornece o tom cômico existente em passagens do romance tchernychevskiano. Além disso, é a plataforma que o escritor utilizará para abordar dialeticamente a construção da personagem vil, a matriarca interesseira. Tchernykhévski a retira de uma perspectiva maniqueísta e confere-lhe um olhar histórico. Ao final, ele perdoa Maria Aleksêievena, ao passo em que responsabiliza a própria sociedade pelo caráter da personagem. Também a partir de *O Sonho do Titio*, Tchernykhévski adensou o debate sobre o utilitarismo filosófico (o *cálculo utilitarista*). O crítico e escritor pôde, através da confrontação literária entre o caráter egoísta interesseiro da matriarca e o

caráter egoísta racional e filosófico de Lopukhóv e Kirsánov diferenciar os dois comportamentos e legitimar o último.

Há, portanto, uma linha histórica e literária de possível diálogo entre as obras *Polínka Saks*, *O Escolho*, *O Sonho do Titio* e *O Que Fazer?* que remontam a obras anteriores a elas, como *Jacques* e *Julie ou a Nova Héloïse*, e que acenam para obras contemporâneas ou posteriores a elas, como *Pais e Filhos*, de Ivan Turguêniev, por exemplo. Trata-se de mais um exemplo de como se construiu o ambiente literário russo no século XIX, através de um profícuo diálogo e debate entre as obras literárias, e entre a crítica literária e os escritores e escritoras à época.

REFERÊNCIAS

AVDÉIEV, Mikhail Vassílievitch. **Poiézdka na kumýs**: Román – Rasskázi – Ótcherki. Ufa: Bachkírskoie kníjnoie isdátelstvo, 1987. Disponível em: <http://az.lib.ru/a/awdeew_m_w/text_1860_podvodny_kamen.shtml>. Acesso em: 30 set. 2023.

CHMELIÓVA, Eliéna Aleksêievna. Miéjdu klássikoi i mássovoi literatúroi: román M.V. Avdéieva «Podvódný Kámen». **Stephanos**, n. 2, 2020, p. 44-52. DOI 10.24249/2309-9917-2020-40-2-44-52.

DOSTOIEVSKI, Fiódor. **Dois sonhos – O sonho do titio e Sonhos de Petersburgo em verso e prosa**. São Paulo: Editora 34, 2012. Trad.: Paulo Bezerra.

DROZD, Andrew. **What Is to Be Done? and Chernyshevskii's Response to Dostoevskii's Uncle's Dream**. South Atlantic Review, v. 67, n. 2, 2002, p. 1-24. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/3201959>>. Acesso em: 14 mar. 2016.

DRUJÍNIN, Aleksánder Vassílievitch. **Polínka Saks**. In: _____. **Póvesti, Dniévník**. (Literatúrnye pámiatniki). Moscou: Naúka, 1986. Disponível em: <http://az.lib.ru/d/druzhinin_a_w/text_0180.shtml>. Acesso em: 30 set. 2023.

ÉGOROV, Boris Fiódorivitch. Proza A. V. Drujínina. In: DRUJÍNIN, Aleksánder Vassílievitch. **Póvesti, Dniévník**. (Literatúrnye pámiatniki). Moscou: Naúka, 1986. Disponível em: <http://az.lib.ru/d/druzhinin_a_w/text_0200.shtml>. Acesso em: 30 set. 2023.

EIDELMAN, Dawn D. **George Sand and the Nineteenth-century Russian Love-triangle Novels**. Lewisburg: Bucknell University Press; Londres, Toronto: Associated University Presses, 1994.

KANTOR, Vladímir Kárlovitch. **Srúblennoie driévo jízni** – Sudbá Nikoláia Tchernychévskogo. Moscou, São Petersburgo: Tsiéntr gumanitárnikh initsiatív, 2016.

KATZ, Michael; WAGNER, William. Chernyshevsky, What Is to Be Done? and the Russian intelligentsia. In: CHERNYSHEVSKY, Nikolai. **What Is to Be Done?** Ithaca e Londres: Cornell University Press, 1989, p. 1-36.

KLENIN, Emily. On the ideological sources of “Čto delat?”: Sand, Družinin, Leroux. **Zeitschrift für Slavische Philologie**, v. 51, n. 2, 1991, p. 367-407. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/24002675>>. Acesso em: 23 dez. 2018.

NIQUEUX, Michel. De l'intime à la fiction: une ébauche en français de “Polin'ka Saks” d'Aleksandr Družinin. **Revue des études slaves**, Vol. 79, No. 3, 2008, p. 333-348. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/43271874>>. Acesso em: 30 set. 2023.

OFFORD, Derek. **Portraits of Early Russian Liberals: A Study of the Thought of T. N. Granovsky, V. P. Botkin, P. V. Annenkov, A. V. Druzhinin, and K. D. Kaveli**. Nova York: Cambridge University Press, 1985.

PÍSSEMSKI, Aleksêi Feofiláktovitch. Podvódný Kamen g. Avdéieva. **Biblioteca para Leitura**, n. 2, 1861. Disponível em: <http://dugward.ru/library/pisemskiy/pisemskiy_podvodniy_kamen.html>. Acesso em: 30 set. 2023.

POGÓDIN, Mikhail Petróvitch. Podvódný Kamen – Román M. Avdéieva. **Vriémia**, n.1, Otd. 3, 1861, p. 35-45. Disponível em: <http://az.lib.ru/a/awdeew_m_w/text_0060oldorfo.shtml>. Acesso em: 30 set. 2023.

SAND, George. **Jacques**. Paris: J. Hetzel; Victor Lecou, 1854. Disponível em: <<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k57250083>>. Acesso em: 24 fev. 2019.

SKAFTÝMOV, Aleksándr Pávlovitch. Tchernychévski i Jorj Sand. In: TCHERNYCHÉVSKI, Nikolai Gavrílovitch. **Nikolai Gavrílovitch Tchernychévski, 1828-1928: Neizdánnnye tiéksty, materiály i statí**. Sarátov: N.-V. Komíssiia po prázdnovaniu 100-liétia so dnia rojdiénia Tchernychévskogo, 1928, p. 223-243.

TCHERNYCHÉVSKY, Nikolai. **O que fazer?** Curitiba: Prismas, 2015. Tradução de Angelo Segrillo.

TEPLÍNSKI, Mark Veniamínovitch. Ávtor-povestvovátel v románe N. G. Tchernychévskogo ‘Tchto Diélat?’. In: POKUSSÁIEV, Evgráf Ivánovitch (org.). **Nikolai Gavrílovitch Tchernychévski: statí, issliédovania i materiály – meývúzovski náútchny sbórník**. N. 8. Sarátov: Izdátelstvo Sarátovskogo Universitiéta, 1978, p. 127-136.

VIDUÉTSKAIA, Irma Pávlovna. Pissáteli-demokráty 1860-kh – Natchála 1880-kh godóv i román Tchernychévskogo «Tchto Diélat?». In: LOMUNOV, Konstantín Nikoláievitch (org.). **Tchto Diélat? N. G. Tchernychévskogo – Istóriko-fúnktsio-natchálnoie issledovánie**. Moscou: Naúka, 1990, p. 78-106.